

Extensão Universitária e formação de professores: um intercâmbio enriquecedor de conhecimento entre escola e universidade

Bárbara Delgado Azevedo*, Fernanda Cunha Sousa**, Isadora de Souza Belli***, Mariana Souza Veiga****

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo discutir a importância das atividades de extensão universitária e sua contribuição para a formação docente. Buscamos demonstrar como a extensão promove possibilidades para a imersão de professores em formação em ambiente escolar, ao aproximar comunidade e academia e proporcionar experiências transformadoras para todos os envolvidos. Para isso, apresentaremos algumas atividades realizadas pelo projeto de extensão “Contos de Mitologia”, da área de Estudos Clássicos da FALE/UFJF.

Palavras-chave: latim; literatura latina; extensão; formação de professores.

University extension programs and the educational formation: a rich interchange of knowledge between school and university

ABSTRACT: The objective of this paper is to discuss the importance of universities' extension programs and its contribution to educational formation. We seek to demonstrate in which ways extension promotes possibilities for teachers in training to stay in touch with the school environment, as it puts the university in touch with the community and provides transformative experiences for everyone involved in the process. In order to prove these results, we will present some of the activities performed by the classical studies extension program “Contos de Mitologia”, in FALE/UFJF.

Keywords: Latin; Latin literature; extension; teacher training.

Introdução

A extensão universitária constitui um processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora

* Possui graduação em Letras, com habilitação em Português e suas respectivas literaturas (2017). Atualmente é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora.

** Professora de Latim e respectivas literaturas da UFJF. Desenvolve pesquisas na em Funcionalismo, Gramaticalização. Trabalha com projetos extensão que visam à divulgação da língua, literatura e cultura clássicas para diferentes públicos.

*** Graduanda em Letras (Licenciatura Português-Latim) na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

**** Atualmente é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora. Graduada em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, com período sanduíche pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, de junho a dezembro 2016, pelo Programa de Intercâmbio Internacional de Graduação – PIIGRAD.

entre universidade e sociedade¹. Nesse sentido, há a promoção de uma grande troca de saberes, entre pesquisadores, graduandos e pessoas da comunidade envolvidas direta e/ou indiretamente na ação extensionista desenvolvida.

Portanto, enquanto oferece acesso a conhecimentos produzidos pela comunidade acadêmica, é em contato com a sociedade que a universidade encontra possibilidades para a prática desse conhecimento e troca de saberes que vão aprimorar o trabalho desenvolvido. Outro ganho dessa aproximação é o reconhecimento de que a população em geral, inclusive aquela que não frequenta o ambiente acadêmico, é provedora desse conhecimento e precisa se sentir incluída e representada por ele. Não devemos, pois, nos esquecer de que a universidade “é uma instituição da sociedade e a ela tem que se referenciar” (CASTRO, 2004, p. 1).

Nossa experiência com este projeto demonstra que a extensão universitária pode se tornar uma oportunidade profícua para o contato entre o professor em formação e o ambiente de sala de aula, atuando ativa e positivamente na construção de sua identidade profissional e no conhecimento inicial dos desafios docentes.

Essa experiência extensionista, aliada a outras oportunidades oferecidas pela Faculdade de Letras da UFJF, como os estágios de observação durante as disciplinas de “Metodologia de Língua Portuguesa” e de “Políticas Públicas”, além do estágio final, dividido em I e II, de projetos como o PIBID, o treinamento profissional (TP), auxilia na formação de um docente pautada não apenas pela competência acadêmica, mas também pelo espírito crítico e pela autonomia de trabalho. Assim, o retorno para a comunidade é amplo, pois, além da qualidade na formação desse futuro profissional, vários benefícios para todos os envolvidos no processo são observados ao longo do desenvolvimento das atividades.

De acordo com Castro (2004, p. 12), orientadores (segundo nossa compreensão, tanto na universidade, quanto na escola) e bolsistas precisam estar afinados a fim de conhecer o real conceito do que é a extensão universitária e seus objetivos. Além disso, devem estar dispostos a ajustar o projeto sempre que necessário e possível dentro de suas propostas de trabalho, formação e embasamento teórico, tendo em vista que, ao produzir conhecimento numa via de troca de experiências, aprende-se muito com a comunidade externa à academia.

Neste artigo, pretendemos defender, portanto, que a parceria entre universidade e sociedade, aqui possibilitada pelo trabalho desenvolvido pela área de Estudos Clássicos da FALE/UFJF, tem muito a oferecer na formação inicial de professores, ao aproximar o trabalho de docentes de ensino básico e superior, além de possibilitar aos alunos do ensino básico, beneficiados diretamente por essa experiência, reconhecerem seu valor, enquanto produtores de conhecimento.

Como exemplificação desses benefícios, apresentaremos o trabalho realizado pelo projeto “Contos de Mitologia” durante o ano de 2018, dividido em quatro etapas de apresentação. Além disso, discutiremos as razões pelas quais os Estudos Clássicos encontram lugar no ensino básico e descreveremos o trabalho realizado.

1. O projeto

O projeto Contos de Mitologia leva ao público atendido os frutos das pesquisas efetuadas pela equipe de trabalho de Língua e Literatura Latina da Faculdade de Letras da UFJF, através da contação de histórias da Antiguidade Clássica. Nosso objetivo é

¹ Conforme a Política Nacional de Extensão Universitária, aprovada no XXXI Encontro Nacional do FORPROEX, realizado em Manaus (AM), em maio de 2012

difundir o conhecimento dos Estudos Clássicos e o gosto pela leitura nas crianças, além de incentivar a formação continuada dos participantes do projeto e promover a aproximação entre universidade e comunidade. Como fio condutor, selecionamos narrativas retiradas das *Metamorfoses*, do poeta latino Ovídio (cf. tradução de apoio de ALBERTO, 2007).

Desde o ano de 2014, as narrativas foram sendo adaptadas e contadas pelos bolsistas, a partir da obra traduzida por Paulo Farmhouse Alberto. A partir disso aconteceram encontros com duração de uma hora, a cada quinze dias, nos quais os alunos do 4º, 5º e 6º ano vespertino e matutino da Escola Municipal Tancredo Neves têm sido convidados a elaborar sua própria versão das histórias narradas, escolhidas por eles, em textos escritos coletiva ou individualmente. O resultado final da proposta de cada ano de trabalho é sempre apresentado para servidores da escola, familiares dos alunos e comunidade acadêmica nas dependências da UFJF.

Como vem sendo feito desde a primeira edição da proposta, pretendemos com essas intervenções divulgar a Cultura Clássica para os segmentos básicos da educação, aprimorar a formação acadêmica e didática dos bolsistas e promover a aproximação entre a universidade, em especial os cursos de licenciatura da Faculdade de Letras, e a escola de formação básica.

Desejamos colaborar para que essas crianças vislumbrem a possibilidade de um futuro melhor para si mesmas, como adultos que irão gozar de cidadania, capazes de se fazerem críticos e reflexivos através do conhecimento proporcionado pelo acesso a alguns aspectos formadores de sua própria cultura, muito explorados atualmente pela indústria cinematográfica, editorial e de jogos, embora pouco trabalhados em determinados segmentos sociais, além de colaborar para sua expressão oral e escrita em diferentes contextos.

2. A extensão universitária

A Constituição brasileira, promulgada em 1988, determina, em seu artigo 205, que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Seu artigo 207 traz ainda que “as universidades (...) obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”.

Observamos que, dentre esses três pilares, a pesquisa e o ensino tradicionalmente detêm maior prestígio na academia. Mas, a despeito disso, pretendemos demonstrar como a extensão universitária pode ser uma maneira muito eficaz de aproximar diferentes setores da sociedade de conhecimentos comumente considerados estritamente acadêmicos, como frequentemente ocorre com a área de Estudos Clássicos, e, assim, ampliar o alcance do trabalho por nós desenvolvido ao mesmo tempo em que refletimos sobre ele ao levá-lo para diferentes públicos que também atuarão sobre ele.

3. A extensão e a formação de professores

O aluno de Letras, muitas vezes, se encontra imerso em uma rotina de trabalhos acadêmicos voltados para o público interno à sua área de estudo, o que é importantíssimo, sem dúvida, mas constantemente se queixa para professores e coordenação sobre a falta

de contato com o público externo à universidade, o que, muitas vezes, só ocorrerá nos semestres finais do curso.

Nesse sentido, programas de iniciação à docência e de extensão podem propiciar a experiência e a oportunidade de desenvolver trabalhos junto às escolas, atuando na formação desse aluno e dos os estágios. Assim, ao promover ações efetivas na comunidade, o alunado se volta para as teorias trabalhadas durante a formação, compreende de que forma elas podem ser trabalhadas na prática e colabora para a construção de diferentes entendimentos críticos sobre a realidade.

A prática de nosso projeto, atuante ininterruptamente junto à Escola Municipal Presidente Tancredo Neves desde 2014, tem demonstrado que a contribuição da extensão para os discentes envolvidos é inegável, pois estes têm entrado em contato com a rotina escolar ainda na primeira metade do curso (geralmente no 3º período), podendo dialogar com professores da escola para construir as atividades a serem desenvolvidas, tendo que respeitar e incorporar aspectos do cotidiano do calendário escolar e do conteúdo programático previsto para as turmas parceiras. Todos esses aspectos precisam estar alinhados ao objetivo de compartilhar conhecimentos sobre a obra escolhida para nosso trabalho.

Assim, defendemos que nosso projeto vai ao encontro da visão de extensão universitária, que, de acordo como Jezine (2004, p. 3) constitui parte integrante da dinâmica pedagógica curricular do processo de formação e produção do conhecimento, envolvendo professores e alunos de forma dialógica, promovendo a alteração da estrutura rígida dos cursos para uma flexibilidade curricular que possibilite a formação crítica.

Assim, podemos mostrar a nossos alunos, de maneira prática, como a sua formação na área de Estudos Clássicos pode ser levada a diferentes níveis nos contextos escolares, levando em consideração que, conforme Maurice Tardif (2002, p. 54), “os saberes profissionais docentes são plurais, advindos da instituição de formação (o que inclui o ensino e a pesquisa), a formação profissional, dos currículos e da prática cotidiana”.

Além disso, essas experiências são, por si, um tipo de saber docente, ainda segundo Tardif, pois esses:

são os saberes que resultam do próprio exercício da atividade profissional dos professores. Esses saberes são produzidos pelos docentes por meio da vivência de situações específicas relacionadas ao espaço da escola e às relações estabelecidas com alunos e colegas de profissão. Nesse sentido, “incorporam-se à experiência individual e coletiva sob a forma de *habitus* e de habilidades, de saber-fazer e de saber ser” (2002, p. 38).

Quanto a isso, as experiências em sala de aula podem jogar luz sobre dificuldades profissionais que dificilmente serão abordadas durante a formação, seja por impossibilidade, seja por falta de oportunidade. É um ganho que esse primeiro contato possa contar com o apoio de outros professores mais experientes, inclusive daqueles que atuam na rede de ensino fundamental, como relatam os membros egressos do projeto.

Muitos discentes, ao ingressarem no projeto, sabem muito pouco ainda sobre os conteúdos teóricos da área quanto sobre suas possibilidades de aplicabilidade numa futura rotina docente. Relatam ainda dúvidas sobre a permanência na área de Estudos

Clássicos ou mesmo no curso de Letras ao se sentirem desconectados de seu futuro campo de trabalho e, portanto, desmotivados.

Ao deixarem o projeto, esses acadêmicos têm se inserido no mercado de trabalho, em escolas privadas e públicas, e ainda em especializações e mestrados acadêmicos tanto na área de Letras como de Educação.

4. Extensão como ponte entre escola e academia

Se a universidade tem muito a ganhar no contato com a comunidade local, esta também se beneficia do encontro. A proximidade entre a academia e a escola pública fecha um ciclo de importante troca de conhecimento e valorização da pesquisa e do ensino, afinal é muito importante propiciar a troca a partir do conhecimento desenvolvido na universidade, conforme destaca Silva a seguir:

na extensão universitária, ocorre uma troca de conhecimentos em que a universidade também aprende com a comunidade sobre seus valores e cultura. Assim, a universidade pode planejar e executar as atividades de extensão respeitando e não violando esses valores e cultura. A universidade, através da extensão, influencia e também é influenciada pela comunidade, ou seja, há uma troca de valores entre a universidade e o meio (SILVA, 2011, p.123).

É na escola que grande parte do trabalho desenvolvido na academia encontra sua interface prática, contribuindo para o desenvolvimento da comunidade e dando o retorno para o ambiente acadêmico, que se retroalimenta a partir desse retorno e pode se aprimorar a partir desse novo conhecimento construído ou gerar novos conhecimentos a ele relacionados.

Entendemos que cabe ao professor, embasado em sua prática bem como em teorias e discussões, traçar qual a melhor forma de levar para a sala de aula o seu conhecimento, adaptar suas aulas planejadas às demandas dos alunos e ter ciência de como esse processo ocorre, do que foi aprendido, do que dá certo e por quais motivos e do que precisa ser revisto.

O contato com as professoras parceiras do projeto, em especial com a professora Vanessa dos Santos Novais, que acompanha as atividades desde o ano de 2014, comprova esses benefícios. As professoras relatam, em nossos encontros de planejamento e em eventos da área de Estudos Clássicos e da área de Educação dos quais têm participado, que muitos alunos da escola atendida, que é vizinha da UFJF, só compreenderam o campus como local de ensino e como possibilidade de estudos futuros, depois de terem contato com o projeto, conversarem com as bolsistas, visitarem diferentes equipamentos da universidade, como o planetário e as dependências da Faculdade de Letras.

Um relato que merece destaque a fim de comprovar essa relação transformadora refere-se ao fato de que os alunos demonstram tanta curiosidade pelos temas levados pelas bolsistas em outras aulas que levaram a professora Vanessa a preparar, como parte de uma aula de língua portuguesa, a abordagem de trechos da *Teogonia*, de Hesíodo, a fim de explicar a genealogia dos deuses que mais chamavam a atenção da turma.

A extensão universitária pode construir situações propícias para que isso ocorra, para que o embate entre teoria e prática faça com que o graduando – juntamente com seus orientadores e com os professores regentes das turmas com as quais trabalha em parceria – desenvolva sua prática docente e que, nessa troca, a sociedade se beneficie,

democratizando o ensino, por meio do acesso de diferentes segmentos sociais a conhecimentos muitas vezes compreendidos como pertencentes a poucos, e à melhoria da formação do futuro educador.

Podemos comprovar essas oportunidades ao observar que as bolsistas do projeto se desafiam constantemente para elaborar diferentes propostas de abordagem de partes das *Metamorfoses*, de Ovídio, para os alunos, envolvendo técnicas como: escrita coletiva de contos inspirados na obra, elaboração de um dicionário de mitos, adaptações e apresentações teatrais, elaboração de histórias em quadrinhos, sempre em diálogo com as professoras regentes a fim de que as atividades estejam de acordo com a faixa etária e os conteúdos pertinentes às turmas.

5. Estudos Clássicos e Ensino Básico?

Primeiramente, vale abordar rapidamente a questão do que pode ser considerado um clássico. Segundo Valeska (2003, p. 12):

O processo de (re)leitura, ou melhor, de (re)criação de textos postos em diálogo com a tradição é que garante a permanência do antigo e confere a ele o caráter de “clássico”. Pode-se dizer, assim, que um texto clássico é aquele que escapa a uma compreensão última e permite, sempre, um aprofundamento desse “fundo”, sempre falso, do sentido.

A escolha pelos clássicos, em especial pelos mitos ovidianos, não aconteceu por acaso. Defendemos que esse contato, inclusive com a própria língua latina (como feito ao trabalharmos com a elaboração do dicionário), abre portas para o conhecimento do mundo romano, de suas crenças, de suas intencionalidades e até mesmo para a reflexão da permanência/atualidade do que é contado naquelas histórias. Entendemos que o elemento clássico não é algo totalmente desconhecido para comunidade externa ao campus, em conformidade com Beard e Henderson (1998, p. 44), segundo os quais:

Todos nós já nascemos classicistas por mais (ou menos) que suponhamos conhecer os gregos e os romanos. Nunca poderemos chegar aos clássicos como completamente estranhos. Não há nenhuma cultura estrangeira que seja tão parte da nossa história.

Sendo assim, as obras latinas escolhidas fazem parte de uma herança clássica que reverbera na cultura brasileira contemporânea e o que pretendemos é criar possibilidades para uma reflexão sobre elas por meio do acesso ao texto original (com o auxílio de tradução acadêmica) que serve de base para uma série de referências modernas, pensando o passado para, a partir de um contato um pouco diferente com os mitos latinos,

desmistificar “a visão dos Estudos Clássicos como um conhecimento concernente a poucos eleitos” (AZEVEDO *et al.*, 2014).

Além disso, visitar esse universo é uma forma de repensar o passado para compreender e se posicionar criticamente em relação ao presente, conhecendo mais a experiência humana e refletindo sobre ela.

5.1. Contação dramatizada das Metamorfoses de Ovídio

O trabalho que será detalhado neste artigo foi realizado durante o ano de 2018 com as cinco turmas de 5º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Tancredo Neves da cidade de Juiz de Fora, com uma média de 25 alunos cada.

Esses alunos são, em geral, moradores dos bairros do entorno do campus da UFJF, acostumados a passar por este espaço, mas não a compartilhar dele ou a interagir com alunos e servidores de lá, de acordo com seus próprios relatos e de suas professoras.

Dividiremos, a seguir, o trabalho desenvolvido ao longo deste ano pelo projeto a fim de melhor explorar suas etapas, cujo objetivo final foi o de fazer uma apresentação de contação dramatizada, protagonizada pelos próprios alunos, a ser apresentada, como parte da “XXV Semana de Estudos Clássicos da UFJF, para a comunidade acadêmica da UFJF e representantes de demais instituições de ensino superior presentes.

1º momento

Ao todo, foram cinco mitos adaptados para ensaio com as turmas: Prosérpina, Prometeu, Parcas, Sibila de Cumas e Scila e Minos. A adaptação foi feita pelas bolsistas do projeto de extensão, com o objetivo de transpor esses referenciais da cultura clássica estudada e pesquisada na universidade para o trabalho com a comunidade escolar. Ao adaptar os textos mitológicos para textos teatrais, prontos para serem encenados, as preocupações iniciais foram: a duração de cada apresentação; a possibilidade de participação de todos os alunos de cada turma em diferentes papéis, respeitando e valorizando suas características e habilidades.

Assim, as apresentações foram programadas para curta duração, com uma média de 10 minutos, e participação efetiva na encenação de 15 alunos por turma, entre narradores e personagens, já que alguns não quiseram participar da encenação e assumiram outras funções na logística da peça, respeitando sempre seu interesse. Também houve a preocupação com a duração das falas e o trabalho com elementos extralinguísticos, que serão aprofundados ao explicarmos o segundo momento.

2º momento

Os encontros com as turmas, após a adaptação inicial dos mitos, foram focados no trabalho com a interpretação e o conhecimento das histórias, seguido do compromisso assumido pelos alunos de decorarem suas falas. Os próprios alunos escolheram sua forma de participação, seus personagens ou tarefa como suporte, ajudando na montagem de cenário e figurino.

Escolhidos os papéis, os ensaios para decorar as falas começaram, sendo a leitura e imitação de voz de vários alunos as primeiras dificuldades percebidas. Dessa forma, foi retomado o trabalho com a interpretação do texto, com questionamentos direcionados aos alunos em relação ao papel de cada personagem dentro do mito, suas motivações e reações emocionais dentro de seu próprio universo, para que os alunos de fato

compreendessem o que estavam lendo e pudessem, assim, falar com mais propriedade para o público no dia da apresentação. Essas atividades possibilitaram um trabalho integrado ao conteúdo programático de leitura e interpretação desenvolvido pelas professoras regentes de cada turma.

Depois desse trabalho mais focado na intenção dos personagens, alguns alunos começaram a trazer ideias próprias para suas encenações, enriquecendo o trabalho junto às bolsistas. As adaptações iniciais sofreram, então, novos ajustes, com mudanças de vocabulário, inclusive, para se adequarem aos participantes.

3º momento

Quando os alunos começaram a entender melhor seu personagem e a decorar suas falas, o trabalho com a performance corporal começou, aprofundando ainda mais o desenvolvimento da entonação que já tinha sido iniciado. Eles foram encorajados a se levantarem de suas carteiras e a dizer suas falas na frente da turma. A postura no palco foi a principal preocupação nesse momento, seguida de recomendações de como a apresentação poderia ser aprimorada a partir do momento em que os alunos soubessem quando entrar e sair do palco, o volume que sua voz precisava ter para que alcançasse a última fileira da plateia.

Nessa etapa, outro problema surgiu: alunos que tinham personagem designado, mas não estavam frequentando as aulas. Foram chamados, então, aqueles que tinham interesse em interpretar mais de um personagem e a recomendação foi de que também decorassem a fala dos faltosos, caso alguém não comparecesse no dia da apresentação.

4º momento

Os ensaios semanais passaram a ser mais completos, com orientações sobre localização nas coxias, movimentação e posicionamento de palco, entonação e volume da voz. Neste momento a maioria dos alunos já estava com a fala decorada e motivados para a apresentação. A participação das professoras regentes das turmas da escola foi essencial para tornar o trabalho mais integrado, com ensaios e conversas sobre a apresentação até mesmo fora do horário de atuação das bolsistas do projeto. Nessas etapas, trabalharam de forma integrada conteúdos vinculados a seus programas de trabalho, como expressão oral e leitura com os alunos. Foram realizados ainda dois ensaios gerais no auditório da Faculdade de Letras, onde ocorreria a apresentação oficial, para que os alunos conhecessem o ambiente em que iriam se apresentar e testassem figurinos e cenário².

Trabalho final

A apresentação “Mitos em Cena” foi feita na UFJF, como atividade cultural integrante da programação da tradicional Semana de Estudos Clássicos na tarde do dia 20 de setembro de 2018. Estavam presentes graduandos, pós-graduandos e docentes da área de Estudos Clássicos de várias instituições de ensino superior do país, participantes do

² Os figurinos e cenários foram adquiridos com verba obtida por meio de edital FADEPE para fomento a Programas e Projetos de Extensão da UFJF. Atuou na elaboração e montagem de cenários e figurinos, em conjunto com os membros do projeto de extensão, a bolsista de iniciação científica do projeto “Letras clássicas na escola VI”, vinculada ao programa de bolsas da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da UFJF.

evento que abrigou a apresentação, além da direção da escola Municipal, professoras regentes e familiares dos alunos que se apresentaram.

Ao entrar, todos receberam uma programação da apresentação, com ilustração específica criada para o evento, informações técnicas, adaptação do mito a ser apresentada por cada turma e o nome de todos os alunos participantes³, o que também ajuda a trabalhar, além dos conteúdos já abordados, a autoestima desses alunos, que se sentem valorizados com esse registro.

Entre as apresentações das turmas, os presentes puderam assistir à apresentação do Coro Acadêmico da UFJF, projeto e extensão do curso de música do Instituto de Artes e Design, coordenado pelo Prof. Willsterman Sottani Coelho, que selecionou para a apresentação um repertório⁴ que dialogasse com o tema geral do evento e com os mitos a serem interpretados pelos alunos.

As bolsistas organizaram, juntamente com as professoras regentes das turmas, toda a dinâmica, desde a apresentação em si até a troca de figurino, realizada em um espaço à parte, permitindo a todos os envolvidos ter a experiência de uma dinâmica de teatro. A avaliação tanto da equipe do projeto quanto da escola foi de que a apresentação teve resultado extremamente positivo tanto para os participantes quanto para os espectadores e transcorreu sem problemas.

Considerações Finais

Fica claro para nós, a partir dessa experiência, que a Extensão Universitária é um fundamento importante do Ensino Superior e é reconhecida como um importante momento em que os graduandos têm a oportunidade de contato com situações reais para aplicação das teorias que lhes são apresentadas ao longo da graduação e para um exercício de reflexão sobre as práticas cotidianas que lhes são requisitadas nesses ambientes.

Contudo, percebemos que pode ser ainda mais difundida e incentivada na comunidade acadêmica. Dessa forma, é preciso continuar a defender que a extensão é uma possibilidade de aprendizado para todos os envolvidos por pressupor a troca de saberes: orientadores que aprendem com seus orientandos, bolsistas (ou voluntários) que não só levam conhecimento para a comunidade como descobrem o grande potencial da comunidade e membros externos, que contribuem e também se beneficiam com as experiências propiciadas.

Tendo em vista tudo o que foi apresentado, esperamos ter demonstrado as outras faces da extensão, tomando como exemplo a parceria entre a universidade e a Escola Municipal Presidente Tancredo Neves, que já dura quatro anos e tem sua relevância legitimada nas narrativas dos próprios professores e alunos da escola e bolsistas/orientandos da Faculdade de Letras da UFJF. Além disso, o trabalho apresenta uma continuidade e um elemento principal que perpassa por toda a história do projeto: o contato com mitos ovidianos, que visa ampliar continuamente a familiarização dos alunos e bolsistas com a obra, se apropriando sempre deste conhecimento de diferentes maneiras

³ Essa programação foi elaborada e ilustrada pelo bolsista de treinamento profissional do projeto “Ilustração de materiais didáticos para o ensino de Língua e Literatura Latinas Clássicas para crianças”, vinculado programa de bolsas da Pró-Reitoria de Graduação da UFJF, que atua em conjunto com o projeto de extensão “Contos de Mitologia”.

⁴ Repertório: MONTEVERDI, Claudio (1567-1643); *Madrigais: Zefiro torna e'l bel tempo rimena* (SV 108, do 6º livro de madrigais, Veneza, 1614) [5'] - Texto: Francesco Petrarca (1304-1374), *O Sacrum Convivium*, de Alísson Freitas.

partir dos objetivos de trabalho, traçados em conjunto com a escola a cada início de cada ano letivo.

Referências

AZEVEDO, B. et al. Contos de mitologia: uma proposta de diálogo entre a formação acadêmica e a extensão através da contação de histórias. *Rónai – Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios*, v. 2, n. 2, p. 225-236, 2015.

BEARD, M. & HENDERSON, J. *Antiguidade Clássica: uma brevíssima introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BRASIL. *Constituição Federal de 1988*. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>.

CASTRO, L. A universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimentos emancipadores. *Reunião anual da ANPED*, v. 27, p. 1-16, 2004.

HESÍODO. *Teogonia: A origem dos deuses*. Estudo e tradução Jaa Torrano. 3ª edição. Biblioteca Pólen. Revisão desta edição: Ana Paula Cardoso Composição: Iluminuras. Editora Iluminuras LTDA, 1995.

JEZINE, Edineide. As práticas curriculares e a extensão universitária. In: *Congresso Brasileiro de Extensão Universitária*. 2004. p. 1-5.

OVÍDIO, P. *Metamorfoses*. Tradução de Paulo Farmhouse Alberto. Lisboa: Livros Cotovia, 2007.

SILVA, Oberdan Dias da. *O que é a extensão universitária?* Disponível em: <http://www.ecientificocultural.com/ECC2/artigos>. Acesso em: Out/2018.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

VALESKA, Olga. Mimese, poesia e tradição cultural. *SCRIPTA CLASSICA ONLINE. Literatura, Filosofia e História na Antigüidade*, n. 1, 2013.

Data de envio: 24-10-2018

Data de aprovação: 15-08-2019

Data de publicação: 05-10-2019